

1- O positivismo e os projetos de reestruturação da Hispanoamérica em direção à modernidade.

Antonio Carlos Peixoto

Este trabalho tem por objetivo apresentar o modo como diferentes pensadores hispano-americanos perceberam a questão da nacionalidade, sob a ótica dos postulados positivistas. Na medida do possível procurar-se-á as especificidades que diferenciavam pensadores mexicanos, argentinos, chilenos. Inicialmente é preciso considerar que o positivismo na Hispanoamérica não pode ser considerado, como fez Marcuse para Europa (França e Alemanha) uma doutrina produzida a partir das necessidades de uma burguesia, que após haver se firmado de modo hegemônico, tratou de restringir o conflito com as outras classes sociais. Na concepção de Marcuse¹, o positivismo seria considerado uma doutrina presa aos interesses de uma burguesia, já conservadora. Difícil compreendê-lo dessa forma, especialmente em se tratando da América Hispânica, pois como bem observou Hobsbawm, o positivismo ainda que bastante impregnado de traços conservadores, deve ser percebido também como sendo uma “doutrina modernizadora que inspirou os governos do Brasil, do México e do início da revolução Turca”.²

Em se tratando da Hispanoamérica é preciso considerar a preocupação dos positivistas com aspectos progressistas e nesse sentido devemos ressaltar as observações feitas por Angèle Kremer-Mariett³ quando, ao analisar a obra de Comte, entende-a como sendo um projeto vinculado ao conjunto social e não a esta ou aquela classe. Em sua concepção, Comte teria formulado um projeto social marcado pela existência de um intenso sentido moral a respeito da sociedade industrial. Dessa maneira, é preciso ressaltar que os positivistas hispano-americanos se encontravam voltados para a

questão da integração, pré-requisito indispensável à constituição dos Estados Nacionais. É evidente que em cada um dos países hispano-americanos houve um modo específico de apropriação do positivismo, de maneira que integrar implicou na adoção de quesitos diferentes para pensadores positivistas do México, Argentina ou Chile. São essas diferenças que serão objeto deste trabalho, uma vez que não nos preocuparemos com o modo como os postulados centrais do ideário positivista foram apreendidos na Hispano-América do ponto de vista teórico.

Antes de mais nada é preciso ter em mente, que sob a denominação de positivismo, encontramos escolas de pensamento muito diferenciadas como: Comtismo, Agnosticismo, Darwinismo, Materialismo e Cientificismo. Não importa, aqui, esclarecer quais dessas escolas exerceram maior ou menor influência sobre os pensadores hispano-americanos seja do ponto de vista individual ou nacional. O que importa é a compressão dos diagnósticos feitos para os problemas nacionais e o modo como se pensava à luz dos postulados positivistas, ser possível resolver a questão nacional.

O pensador chileno José Victorino Lastarria Rony⁴ foi dos mais proeminentes nomes do positivismo na Hispano-América. Preocupado em refutar o fatalismo histórico, que para ele servia apenas para impedir o desenvolvimento, defendia, ardorosamente, os direitos individuais e negava os postulados formulados por Herder, Kant, Vico e Hegel. Para Lastarria eles implicavam na suposição de uma evolução fatalista da humanidade o que retirava do homem toda e qualquer liberdade e impedia-o de participar enquanto agente de sua própria vida. Isto não significa que Lastarria não acreditasse numa filosofia da história. Ao contrário, só que partia do ponto de vista da capacidade do indivíduo para determinar sua marcha. Diria ele nos *Recuerdos Literários* que até 1868 desconhecia o fato de Kant haver considerado a história como um fenômeno natural, mas, desde 1840 ao ler a *Ciência Nova* de Vico e *Las ideas sobre la*

filosofia de la historia de Herder se sublevou contra as teorias de ambos, em razão delas se fundarem sobre uma concepção sobrenatural da história e por partirem da suposição de que o gênero humano se governa por leis providenciais.

Afirmaria, a seguir, que para se pensar se há filosofia na história e se é esta uma ciência, torna-se imprescindível se pensar que a história se constitui a partir dos fatos produzidos pelo homem e que os sucessos de suas ações são devidos unicamente a eles e não a qualquer divindade. Ora para homens como Lastarria que aspiravam à emancipação da Hispano-América, impossível era a aceitação do fatalismo na história, uma vez que este era a negação de todos os seus ideais. Além do que, recusava-se a considerar o passado como sendo o responsável pelos males da Hispano-América. Era necessário retornar a ele, criticá-lo, mas, para aí buscar caminhos que levassem à modificação do presente e a construção do futuro.

Lastarria encontraria na filosofia de Comte um instrumental eficaz para melhor tradução de suas crenças. É bem verdade que os pontos de partida eram opostos. Enquanto Comte se preocupava com a sociedade, Lastarria enfatizava o indivíduo.⁵ Reconhecia a importância da lei dos três estados, porém, considerava a liberdade do indivíduo a causa determinante de todos os fatos sociais. Com uma visão positiva da Espanha, Lastarria acreditava que competia a Hispano-América completar a obra iniciada pela Espanha e não viver à sombra de tudo o que foi feito, pois isto significava se permanecer parado. A lei dos três estados era evocada para garantir o dever moral de se dar continuidade à evolução até se atingir o último estágio preconizado por Comte. Em razão de sua crença na capacidade dos homens em construir seus caminhos, Lastarria não podia compartilhar das idéias de Comte que no concerne ao fato de que este sobrepunha a sociedade aos indivíduos, a religião da humanidade. Lastarria lamentava que por ter partido da experiência,

da observação da realidade, acabasse por produzir um sistema caracterizado pela existência de um novo despotismo, a partir da crença em uma ordem política que não era por sua vez menos despótica do que aquela defendida pelos que acreditavam ser o homem regido por algum poder transcendental. Dessa maneira, Lastarria aceitava os pressupostos científicos da sociedade contidos na obra de Comte.

A influência do positivismo se fez presente, em maior ou menor grau, em toda Hispano-América, a partir da segunda metade do século XIX. Na Colômbia do final do século XIX, todo pensamento filosófico, político, pedagógico e social, encontrava-se impregnado dos postulados positivistas. Na obra de José Eusébio Caro, *Ciência Social*⁶, é possível detectar a influência de Augusto Comte. É bem verdade que na Colômbia não se pode encontrar uma produção estreitamente vinculada às idéias de A. Comte, à semelhança do que ocorreu no México, Argentina ou Brasil. Na Colômbia, os defensores dos postulados positivistas e de uma concepção da sociedade e da história sob o ponto de vista positivista, encontravam-se vinculados às formulações de Spencer.

Desde 1870, Spencer e Stuart Mill, passaram a ocupar no pensamento colombiano o lugar antes ocupado por Bentham e Tracy. É preciso ainda considerar que os princípios da filosofia spenceriana - a amplitude de seu critério político e sua concepção de que ciência e religião não são inconciliáveis - adaptavam-se melhor ao meio colombiano além de se prestarem a serenar os ânimos divididos entre proposições caracterizadas por excessivo dogmatismo. Por outro lado, é preciso considerar que havia no pensamento de Spencer, bem mais do que no de Bentham um elemento social que não era possível de ser detectado, de modo direto, no de Augusto Comte: seu entusiasmo pela industrialização, sua admiração pelo homem industrial no qual via a culminância de todo processo de perfectabilidade humana. É preciso considerar que Comte era, em

grande medida, um espírito conservador e romântico e Bentham um jurista de idéias humanitárias. Já Spencer era um apologista do comerciante e do industrial. Era portanto, lógico que suas idéias encontrassem maior ressonância no solo colombiano, na medida em que para se efetivar a crítica da ordem estabelecida, fazia-se à defesa da industrialização como a solução mais apropriada para os problemas econômicos e sociais da Colômbia.

O positivismo foi introduzido no México, em 1867, e era apresentado como sendo uma doutrina capaz de viabilizar a solução dos problemas sociais e políticos que tanto afligiam o país. A prática social mostrou que a doutrina, por si, era impotente para resolver os graves problemas que afetavam o México dos finais de oitocentos. Impossível se responsabilizar o positivismo pelo fato de que ao serem seus pressupostos aplicados à realidade política e social não terem conseguido resolver todas as questões. Por outro lado, é preciso ter em mente a proposição do positivismo, enquanto a doutrina de conter em si todos os pressupostos necessários à resolução de problemas de ordem social e político presentes nas mais diversas sociedades.

No México, a filosofia de A. Comte foi introduzida por Gabino Barreda e utilizada com o objetivo de promover algumas reformas de natureza social, que se apresentavam como necessárias. A um só tempo procuravam seus tradutores deterem o movimento social. O positivismo pode ser compreendido como sendo uma doutrina elaborada a partir da situação em que se encontrava a Europa da segunda metade do século XIX. Por essa maneira de conceber a doutrina, ela é entendida como adequada às necessidades da burguesia européia que tendo aos finais do século XVIII adotado princípios libertadores e niveladores, precisava deter o avanço social sem contudo apelar às velhas noções de os conceitos aparentemente opostos: liberdade e ordem.

Na concepção de Justo Sierra⁷ os homens que haviam passado pelos colégios, cheios de sonhos no cérebro, ambições no coração e apetite no estômago: a classe média dos estados, aliada aos oficiais, generais, tribunos e ministros constituíam a burguesia mexicana que saiu vencedora após mais de meio século de luta. Essa classe alcançaria o máximo de seu desenvolvimento no período conhecido por Porfirismo. A burguesia mexicana teria vivenciado uma fase combativa, a exemplo da européia, onde para conter e subordinar os grupos que lhes eram hostis, utilizou a filosofia das luzes. Passada esta fase, fez-se necessário deter o processo de transformações e a filosofia das Luzes que se apresentara como instrumento eficaz na fase combativa, mostrava-se ineficaz. Gabino Barredo foi então, o homem encarregado de preparar a jovem burguesia mexicana para dirigir os destinos da nação. O instrumento ideológico de que se serviu e que parecia mais adequado às novas condições foi o positivismo.

A lei dos três Estados de A. Comte foi utilizada para interpretar o processo histórico porque passou o México. O Estado teológico seria aquele onde predominavam a milícia e o clero. A luta para derrubada dos privilégios foi compreendida como caminho necessário à constituição do Estado Positivo. Permanecer na luta era, porém, permanecer no Estado Metafísico o que implicava a manutenção da desordem. Dessa maneira, os positivistas mexicanos identificavam o Estado Positivo com o governo de Porfírio Dias e as transformações de intentada tinham novo objetivo a emancipação mental, não apenas do México como de toda humanidade.

Em setembro de 1867, Gabino Barreda pronunciou em Guanajuato uma oração cívica e foi a este homem que Benito Juárez resolveu encarregar a redação de um plano de reorganização educativa. A comissão, então constituída e coordenada por Gabino Barreda, apresentou em dois de dezembro a lei que regulamentava a instrução do México: da primária à profissional, incluindo a

preparatória, Barreda, diferentemente de Comte, via no liberalismo mexicano uma expressão do espírito positivo. Lembremos que Comte renegava o liberalismo europeu que culminou em Rousseau, pois via nele a expressão do espírito negativo. Já Barreda, concebia a Reforma mexicana como o espírito positivo em marcha.

As idéias de Barreda encontraram solo fértil no México e em 1877 foi criada a *Associação Metodófila Gabino Barreda*. Esta era constituída por médicos, engenheiros, jurisperitos, farmacêuticos e tinha entre seus objetivos demonstrar como homens dedicados aos estudos mais diversos podiam se entender e se unirem através de certos princípios e a partir de um método capaz de responder a questões bastante diferenciadas.

Um dos discípulos de Barreda foi Manuel Ramos que apresentou uma tese intitulada *Estudo de las relaciones entre la sociologia y la biologia*⁸ em que fica patente a dedução de seus pontos de vista a partir das ciências positivas. Preocupado em definir a existência de uma ciência social, Ramos concluiria que ela existe da mesma forma em que existe uma ciência biológica e desta analogia derivava ele a analogia entre sociedade e organismos biológicos e a partir disto intentava a aplicação do método à solução dos problemas sociais.

Para Ramos competia ao governo administrar em acordo às leis biológicas. Nesse sentido, assim como homem desenvolve melhor a qualidade exercitada e tende a atrofiar aquelas não exercitadas, compete ao Estado permitir que os indivíduos se desenvolvam em consonância às suas capacidades. Ora, pensava Ramos que na sociedade apenas os mais fortes física e intelectualmente devem sobreviver e ao Estado compete o estímulo dessas atitudes e não a concessão de facilidades. Ou seja: ao Estado competiria, apenas, a valorização da competição e não o oferecimento dos meios capazes de permitir aos indivíduos melhor

se capacitarem para a competição, uma vez que esta deve ser calcada nas qualidades e defeitos próprios dos indivíduos.

Concluiria afirmando ser extremamente danoso para a sociedade a manutenção de asilos e outras instituições no gênero e os indivíduos só insistem na sua criação pelo temor da perda de suas almas. Para Ramos, a sociedade não deve sustentar instituições onde se protegem os débeis. A sociedade era compreendida como sendo um campo de luta onde triunfariam os mais aptos. Ao Estado competia a tarefa de proteger os que se mostram mais aptos e não a de estimular as classes de qualidade biológica inferior. A burguesia que se mostrou mais bem aparelhada devia, então, ser estimulada e ter todos os seus direitos resguardados. Os tidos como incapazes, inadaptados na concepção de Ramos, não seriam merecedores nem mesmo da esmola pública. Ao Estado competia o dever de salvaguardar as conquistas obtidas pelas classes que se mostraram aparelhadas: a burguesia mexicana. Para justificar os privilégios que lhes seriam concedidos pelo Estado os teóricos se valiam das leis da ciência, em especial da biologia, que eram transplantadas para o organismo social.

O positivismo serviria como instrumento eficaz no ensino aos mexicanos de uma nova ordem mental e disso dependia a ordem social que lhes fazia falta. Justo Sierra, a partir de Darwin, mostrava que na vida vencem os mais fortes e nesse sentido era essencial se passar no México da “era militar” - caracterizada por guerras e revoluções, para a “era industrial” - onde imperava o trabalho- e esta transformação se devia dar de modo acelerado porque os Estados Unidos cresciam de tal modo que acabariam por inviabilizar a própria existência do México como país. Em vão, diria ele, os liberais se esforçaram por dar aos mexicanos uma educação e uma organização progressista, falariam mais alto: a herança ibérica e o peso da Igreja e da milícia. Agora era mister promover amplas reformas educacionais, caso o México quisesse ingressar na

modernidade e com isso se preparar para enfrentar os avanços empreendidos pelo “gigante do norte”.

A Escola Normal do Paraná, fundada por Domingo Sarmiento, em 1870, constituiu-se no foco das idéias positivistas que influenciaram a Argentina dos finais do século XIX.⁹ É bem verdade que, as idéias de Comte sofreriam um processo de adaptação, de modo a poder incorporar alguns dos pressupostos defendidos pelo fundador da Escola. Afinal, sabia-se que a Argentina necessitava de ordem, mas, não daquela ordem vigente durante o Governo de Rosas, caracterizada por um despotismo sem limites. Era preciso se implantar uma ordem que levasse em consideração a liberdade individual. Essa nova ordem deveria, portanto, encontrar-se assentada na vontade do indivíduo: uma ordem social posta a serviço dos indivíduos. Assim como para os positivistas mexicanos também para os argentinos essa ordem só poderia ser estabelecida através de um processo educacional. Aliás, lembremos, a Escola Normal de Paraná foi fundada com este propósito: daí deviam sair os educadores das novas gerações argentinas. A nova Hispano-América, livre das taras do passado, teria de ser forjada nesta Escola. Na medida em que não havia nenhum tipo de doutrina a informar a Escola, não foi difícil tornar o positivismo a melhor expressão ideológica para a mesma.

Na Escola Normal de Paraná, ensinava-se ciência e filosofia. Comte entrava, preferencialmente, em seus ensinamentos. Para a Escola foi contratado o professor italiano Pedro Scalabrini¹⁰ que em 1889 publicava um trabalho intitulado *Materialismo, darwinismo y positivismo*, além de uma série de Cartas Científicas. O objetivo de Scalabrini era o de formar pensadores e dessa maneira jamais terminava uma aula pronunciando-se a favor de tal crença, o importante para ele era o ato de pensar. Foi dessa Escola que partiu a difusão do pensamento de Comte por toda Argentina. É bem verdade que era um Comte adaptado às necessidades argentinas e

dessa maneira não aceitava da doutrina positivista, sua concepção religiosa e seu sacerdócio.

Talvez fosse útil assinalarmos as diferenças entre os projetos educacionais argentino e mexicano. O positivismo representou para o México, lembremos, uma doutrina capaz de unificar o campo político e social. O positivismo em sendo uma doutrina que não se dedica à discussão mas sim à demonstração, prestava-se eficazmente à idéia de ordem tão necessária ao México. Isto porque todos podiam ter acesso à demonstração e isto evitava a anarquia gerada por doutrinas que prezavam a discussão de idéias. A ciência positiva oferecia, assim, um fundo comum de verdade que podia ser estendido ao campo social evitando-se assim a anarquia e a revolução. Nesse sentido, o sistema educacional proposto no México objetivava tal finalidade. Gabino Barreda pretendia que todos os indivíduos que compunham a sociedade mexicana pensassem de maneira igual. Um fundo comum de verdade era garantia de que se encontrava terminada definitivamente a ameaça da anarquia social. Na Argentina, o positivismo da Escola Normal de Paraná era fruto dos ideais civilizadores de Sarmiento. Este havia se empenhado numa missão civilizadora e o mais importante para que o sucesso dessa missão era o estímulo aos indivíduos. Os povos anglo-saxões modelo a ser seguido, eram grandes na medida em que cada um dos indivíduos era o responsável por sua própria grandeza. O individualismo civilizado surgira, assim, em contraposição à política de massas bárbaras de Rosas e o positivismo era a doutrina que se apresentava como a mais eficaz para educar o novo homem hispano-americano.

Os educadores positivistas argentinos prezavam, acima de tudo, as individualidades e não acreditavam que a unidade pudesse ser construída por cima das individualidades e das diversidades regionais. Almejava-se a livre expressão de pensamento imprescindível à constituição de um povo civilizado. O contrário

seria despotismo e este nada constrói. Colocava-se assim, contrário à toda herança espanhola: tal como Echeverría, Alberdi e Sarmiento, na medida em que via nessa herança a raiz do despotismo que impedia o progresso. O programa a que se propunham os positivistas argentinos era a transformação do inconsciente do povo de absolutismo em democrático. Do positivismo retiveram, então, sua preocupação como realidade experimental e com a experimentação imediata bem como a renúncia a toda e qualquer preocupação metafísica e tudo o que se encontrava mais além da experiência. As idéias de Ferreira se encontram sintetizadas no plano que elaborou em 1892 para a Província de Corrientes e que deveria servir à toda nação argentina. Nele se destacam as seguintes questões: a educação deve ser experimental e voltada para atualidade; é preciso destruir a uniformidade de ensino e deve-se dar, apenas, direções gerais dentro das quais se desenvolve com liberdade a ação de mestres e alunos; os exames não tem nenhuma finalidade a não ser pura exibição de trabalhos. Objetivava-se como resultado a constituição de escolas bastante especiais de onde deveriam sair indivíduos amantes de uma liberdade criadora.

O ideal de Aberdi acerca de uma filosofia que se preocupasse com os problemas próprios da nação argentina, ganhava expressão através dos ideais educacionais de Ferreira. A doutrina positivista foi então modificada de modo a poder servir às expectativas dos homens que pretendiam transformar a Argentina num grande país, à semelhança dos Estados Unidos. Agora, precisamos estar atentos ao fato de que o positivismo teve de ser bastante reinterpretado para servir como a ideologia que iria guiar a construção da nova nação argentina. Afinal, alguém como Ferreira que defendia a liberdade de interpretação na educação e da originalidade como sendo o objetivo maior de todo o processo educacional, não poderia aceitar, integralmente, a doutrina positivista. Na carta que dirigiu a P. Lacalde¹¹, onde agradecia o envio de folhetos de propaganda

positivista à realidade argentina. Mais que isso, defendia que nenhuma doutrina podia ser adotada de modo integral, pois não havia verdades absolutas no mundo e dessa forma tudo precisava ser relativizado.

Nos anos de 1880, a Argentina assistiria o esplendor do ideário positivista. Spencer, em cujo pensamento Sarmiento encontrou a expressão de suas próprias idéias, foi eleito o filósofo sob os auspícios de quem iria se concretizar a etapa civilizadora da Argentina. Propagavam com veemência as tendências individualistas do liberalismo inglês e a excelência do método experimental. A esta geração pertenceram, entre outros, José Nicolás Matienzo, Juan Agustín García, Rodolfo Rivarola, Luís M. Drago, além dos que foram por essa geração influenciados, caso de Carlos Octávio Bunge e José Ingenieros. A esses homens parecia destinado o conduzir a Argentina ao lugar sonhado por Sarmiento: tornando-a igual aos Estados Unidos. Essa geração, à semelhança de outras da Hispano-América, encontraria dificuldades próprias aos países dependentes. É verdade que as estradas de ferro cortavam os Pampas, indústrias foram abertas em muitas cidades, proliferaram-se os bancos, mas, as empresas eram de origem estrangeira.

José Ingenieros¹², filho de imigrantes italianos, fez uma interpretação da história argentina relacionando-a com os grupos imigrantes que vão formando o grosso da população. Dessa maneira, a raça branca (européia) representaria a civilização. Os originários da América do Sul seriam a barbárie. As lutas travadas contra Rosas, por exemplo, foram compreendidas por Ingenieros como sendo a luta da raça euro-argentina contra a raça hispano-argentina. Dessa maneira, retomando Sarmiento, definia que a independência teria de ser estabelecida contra a própria América: o passado indígena. Assim, diferentemente do México, onde o mestiço precisou ser valorizado, a despeito dos preconceitos; na Argentina, refutava-se a

herança indígena e se glorificava o imigrante europeu como símbolo do progresso.

José Ingenieros e alguns outros positivistas argentinos, especialmente os seguidores da Escola de Paraná, realizaram uma combinação bastante interessante entre positivismo e marxismo em busca da justiça social na Argentina. A educação, uma vez mais, surgia como solução ao problema criado pela luta de classes. A esse respeito Víctor Mercante afirmava: “que belo ideal democrático um operário ilustrado”¹³ um operário que saberia como conservar a saúde e evitar sua enfermidade, que sabe ler e escrever corretamente, que conheça seus direitos e deveres perante à sociedade.

O positivismo na Argentina foi utilizado visando a emancipação mental e o progresso material, de modo a transformá-la nos Estados Unidos do Sul.

¹ Cf. H. Marcuse. *Razão e Revolução*. Trad, 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, em especial, p.312.

² Cf. Eric Hobsbawm. *A Era dos Impérios*. Trad. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p.115.

³ Cf. A. Kremer Mariett. *Auguste Comte et la théorie sociale du positivisme*. Paris: Edition Seghers, 1970.

⁴ Cf. José Victorino Lastarria. *Recuerdos Literários*.

⁵ Idem. Essas questões são tratadas em *Miscelania Histórica y Literária*, II, 1868.

⁶ Fragmentos desta obra foram publicados na Biblioteca de autores colombianos do Ministério da Educação da Colômbia, Bogotá, 1954.

⁷ Cf. Justo Sierra. *Evolución política del pueblo mexicano*. México: La Casa de Espanha em México, 1940.

⁸ Manuel Ramos. *Estudio de las relaciones entre la sociología y la biología*. Anales de la Asociación Metodófil, México, 1877.

⁹ Sobre o positivismo na Argentina, c.f. H.E.Biagini. *El movimiento positivista argentino*. Buenos Aires: Ed. Belgrano, 1985. Ricaurte Soler. *El Positivismo Argentino*. Pensamiento filosófico y sociológico. Buenos Aires: Paidós, 1968. O. Terán. *Positivismo y nación en la Argentina*. Buenos Aires: Ed. Puntosur, 1987. A. Korn. *Influencias filosóficas en la evolución argentina*. Buenos Aires: Ed. Solar, 1983. Para uma análise comparativa do positivismo no Brasil e na Argentina. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n.19, ano 7, junho de 1992, p.66-83.

¹⁰ Sobre Scalabrini, veja-se, Víctor Mercante. *El educador Pedro Scalabrini*. IN: Revista de Filosofía. Buenos Aires: V. 1917.

¹¹ J. Alfredo Ferreira. Carta a P. Lacalde em *Escuela Positivista*. Corrientes, II, 1896.

¹² Cf. José Ingenieros. *La formación de una raza Argentina*. Revista de Filosofía. Buenos Aires, I, 1951.

¹³ Cf. Víctor Mercante, op. cit.